

Os setores automobilístico e de peças se reuniram com Dorothéa Werneck para discutir a defasagem de preços. Ouviram dela apenas a disposição do governo de retomada do diálogo.

Dorothéa já discute o fim do congelamento

A nova equipe econômica já iniciou negociações com alguns segmentos para discutir o problema de defasagem de preços, que vem provocando gargalos na cadeia produtiva e interrupção no fornecimento de produtos. A secretária nacional de Economia, Dorothéa Werneck, almoçou ontem, em São Paulo, com representantes de montadoras e fornecedores do setor automobilístico, depois de ter se reunido, pela manhã, com os fabricantes de alumínio. No sábado, em Belo Horizonte, o encontro foi com o setor alimentício. "Vamos discutir as saídas de imediato de cada setor e também programar a saída de médio e longo prazos. A idéia da liberação de preços não está descartada, mas não é para o curto prazo", disse Dorothéa Werneck, ao final do encontro com o setor automobilístico. Ela garantiu que o encontro "não era para acertar nada" e ressaltou apenas a disposição do governo em reforçar o diálogo com os empresários.

Embora não tenha acenado com a perspectiva de reajuste de preços, o resultado do encontro com as montadoras e fornecedores do setor parece apontar para a possibilidade de o governo vir a dar alguns aumentos de preços que permitam à indústria voltar a trabalhar em ritmo normal, enquanto se caminha para um descongelamento gradual. "Vamos apresentar uma proposta de percentual de aumento que permita a renegociação com os fornecedores", afirmou Luiz Adelar Scheuer, vice-presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea).

Nova organização

A secretária nacional de Economia informou que a negociação de preços através das câmaras setoriais será retomada, mas elas terão uma nova organização, contando, por exemplo, com subcâmaras e câmaras regionais, que permitirão aprofundar mais a negociação. Embora sem falar em ajustes de preços, novidades nesse sentido deverão ser anunciadas nos próximos dias, com a publicação de algumas portarias, que foram aprovadas pelas câmaras setoriais já realizadas. Dorothéa Werneck admitiu que, devido a pressões dos vários segmentos industriais por ajustes de preços, "o momento é difícil", mas enfatizou a necessidade de uma parceria.

No encontro com o setor automobilístico, do qual participaram representantes dos fabricantes de plásticos, tintas e vernizes, parafusos, pneumáticos, artefatos de borracha, vidro, la-



Dorothéa Werneck e Jacy Mendonça, da Anfavea: esforço para continuar a produzir.

minação e da área de fundição, além do Sindicato dos Fabricantes de Autopeças (Sindipeças), os empresários mostravam-se otimistas quanto à possibilidade de um acordo que permita a retomada dos negócios. Jacy Mendonça, presidente da Anfavea, disse que o setor fará um grande esforço para negociar e continuar a produzir até que se chegue a uma solução. Apesar da reunião da câmara setorial do dia 21 ter sido adiada, os contatos continuarão na próxima semana, quando o setor deverá enviar suas sugestões ao governo.

Queda de produção

Jacy Mendonça informou que as montadoras estão com uma queda de 40% a 50% na produção, por causa das dificuldades em comprar peças e componentes. Neste mês, pelo ritmo tradicional, o setor deveria estar produzindo 95 mil veículos, mas em função da conjuntura, as montadoras deverão produzir no máximo 40 mil unidades. Segundo o diretor de relações governamentais e assuntos institucionais da General Motors, José Carlos Pinheiro Neto, "pouquíssimos acordos" foram fechados com os fornecedores, com os aumentos de 6% no preço dos automóveis e de 8% no de pneumáticos, aprovados pela

câmara setorial.

Segundo o presidente do Sindipeças, Pedro Eberhardt, os preços das autopeças estão com uma defasagem de 36% e as dificuldades em comprar matérias-primas estão provocando uma ociosidade de 50% no setor. As montadoras, por sua vez, precisariam de um aumento de 28% apenas para cobrir o reajuste reivindicado pela indústria de autopeças, avalia Luiz Adelar Scheuer. Mas a esse custo somam-se outros: do Plano Collor II para cá, os salários subiram 100%, com um impacto de 20% no custo de produção; o material direto de reposição, que representa 70% dos custos do setor, sofreu ainda o impacto do aumento de 19% nos preços do aço plano; a energia elétrica e os combustíveis subiram 50%, pesando também no custo, enquanto a alta de 30% no câmbio onerou o preço das matérias-primas importadas, como o cobre. "Precisamos achar um jeito de repor o custo. O lucro é questão para ser discutida em um segundo momento", disse Scheuer, ao ressaltar que as montadoras estão trabalhando com prejuízo desde o ano passado. Em 90, o preço dos automóveis subiu 1.100%, contra 1.700% do IPC. Este ano, o aumento de preços foi de 25%, diante de uma inflação de 70%.